

JULIÁN
CARRÓN

O DESPERTAR
DO HUMANO

Reflexões de um tempo vertiginoso

Julián Carrón

O despertar do humano

Reflexões de um tempo vertiginoso

organizado por Alberto Savorana

© 2020 Fraternidade de Comunhão e Libertação
Edição italiana: Milão, BUR Rizzoli, abril de 2020 (e-book),
junho de 2020 (brochura)

O despertar do humano

No arco de poucas semanas, a emergência sanitária provocada pela Covid-19 tornou-se uma experiência comum. Todos, de maneiras diferentes, nos sentimos interpelados. Paradoxalmente, a situação de isolamento em que viemos parar tornou-se a ocasião de um grande diálogo à distância.

Todo o mundo, de um jeito ou de outro, vem tentando confrontar-se com um dado imprevisível que irrompeu em nossa vida diária, impondo uma mudança drástica nos estilos de vida, suscitando perguntas urgentes que não conseguimos ignorar. Quais respostas estão à altura da situação?

Padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, vem confrontando-se com as perguntas de todos, e nestas páginas oferece uma contribuição para a reflexão comum.

O que está acontecendo?

Estamos diante de um desafio sem precedentes para a nossa geração. O poeta espanhol Julio Llamazares resumiu bem: «Hoje faço 65 anos, no momento mais crítico que já conheci».¹

A situação que estamos vivendo conscientizou-nos de que nestes anos vivemos em certo sentido como que numa bolha, que nos fazia sentir suficientemente protegidos dos ataques da vida. E assim seguimos em frente distraídos, fingindo que tudo estava sob o nosso controle. Mas as circunstâncias bagunçaram nossos planos e chamaram-nos bruscamente a responder, a levar a sério nosso eu, a questionar-nos sobre nossa efetiva situação existencial. Nestes dias a realidade abalou nossa rotina mais ou menos

¹ *El País*, 28 de março de 2020.

tranquila, assumindo o rosto ameaçador da Covid-19, um novo vírus que provocou uma emergência de saúde internacional.

A realidade, da qual muitas vezes fugimos para poder respirar devido à incapacidade de estarmos com nós mesmos, desta vez foi inclemente, obrigando a maior parte de nós a ficar trancados em casa, a parar. E neste isolamento tem-se erguido aos nossos olhos – talvez pela primeira vez de modo tão evidente e difundido – a nossa condição existencial. Como li anos atrás num jornal americano, um presidiário, obrigado a lidar com anos de privação da liberdade, ao fim não pôde deixar de parar e pensar: «*Stop and think*». Nós também, de mil formas acostumados a fugir de nós mesmos e do apelo profundo das coisas, talvez neste período não tenhamos podido deixar de parar e pensar.

O que fez estourar a “bolha” de uma vida sob controle?

A irrupção imprevista e imprevisível da realidade, com a face do Coronavírus. Descreve-o eficazmente o romancista espanhol José Ángel González Sainz: «Na vida de um país ou de uma pessoa, há ve-

zes em que a realidade mais severamente real, a mais crua e menos temperada por receitas e pelos cozinheiros de mentalidades e relatos, irrompe de repente com uma violência assustadora a que não estávamos acostumados. A realidade não se faz real só aí, ela sempre o fora, estava aí desde sempre, mas sua maior leveza permitia que não a olhássemos continuamente cara a cara, bastava fazê-lo de relance e concentrar-nos no ensopado mais ou menos agradável ou fraudulento de relatos e ilusões. [...] Quando o que está no fundo efetivo e indiscutível das coisas, sustentando-as todas, de repente arrebenta e vaza pelos furos escapando do controle – ou da vertigem – da parte ilusória da nossa vida, a visão da ilusão em que estivemos vivendo, e a partir da qual estivemos considerando a realidade, estremece. É o que ocorre agora mesmo, em todas as partes».

O que aconteceu é como um maremoto, uma erupção vulcânica que nos encontrou inermes. González Sainz prossegue relevando o motivo de tal fraqueza: «O hábito de substituir as coisas e os fatos por seu uso estrategicamente fraudulento, a realidade pela ideologia, a verdade pelo costume impune do embuste e o crucial

pela banalidade, deixa-nos nas piores condições para enfrentarmos uma verdadeira e própria vingança da realidade».² A realidade rebelou-se contra sua má compreensão e de uma só vez reivindicou seu papel “primário”. Como escreveu Fernando De Haro, um jornalista amigo da rádio espanhola, dando eco ao romancista citado: «A realidade [...] estava aí, mas não a vimos. Agora irrompeu fazendo barulho. [...] A realidade entrou sem pedir licença. [...] Agora o que precisamos é fazer das “entranhas da realidade coração de inteligência” (J. A. González Sainz)».³

Mas que significa «fazer das “entranhas da realidade coração de inteligência”»?

Significa que a forte irrupção da realidade trouxe de volta em toda a sua grandeza aquela exigência de entender a que chamamos “razão”. Às vezes, devido às dificuldades da vida ou por preguiça, nós detemos o caminho do olhar e paramos na aparên-

² *El Mundo Viernes*, 20 de março de 2020.

³ *ilsussidiario.net*, 24 de março de 2020.

cia, permanecendo na superfície das coisas, como se o mundo todo se esgotasse nos lugares comuns que respiramos ou no que vemos pelo buraco da fechadura da nossa medida racionalista: uma medida estreita, minúscula e, no fim, sufocante (esse sufoco é o alerta de que ficamos na aparência). Só o impacto – aceito – com a realidade é que pode escancarar novamente a razão. É sempre um contragolpe, um sermos atingidos, o que faz com que nossos olhos se abram: o conhecimento implica uma dimensão afetiva original em seu aparecimento e em seu desenvolvimento. Quanto mais uma realidade nos impressiona e nos interessa, mais o olhar da razão se abre, se estende, se aguça, não se contenta com soluções baratas. As coisas só se revelam em seu sentido e em sua carga de ser a uma razão afetivamente empenhada. O sentimento que a realidade suscita (maravilhamento, medo, curiosidade) é um fator essencial para a visão, é uma “lente” que aproxima o objeto. É o que se tem verificado.

O que aconteceu despertou nossa atenção, pondo em marcha nossa razão, levando-nos a reconhecer, para além de esquemas cômodos, que «há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha tua vã filoso-

fia», para usar as palavras de Shakespeare.⁴ Ou seja, neste momento a razão reaparece como «aquele acontecimento singular da natureza no qual esta se revela como exigência operativa para explicar a realidade em todos os seus fatores, de modo que o homem seja introduzido na verdade das coisas».⁵

Agora entendemos por que fomos parar na bolha. Por muito tempo, talvez, pudemos permitir-nos a deserção do impacto com a realidade – que contudo nunca deixou de acontecer e de nos interpelar –, não nos deixamos desafiar por ela, acreditamos tê-la domesticado, protegidos por uma condição privilegiada de vida. «Um indivíduo que tenha vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, teve pouco com que se esforçar para realizar, terá um escasso sentido da própria consciência, perceberá menos a energia e a vibração da sua razão».⁶ Hoje, não digo que seja impossível – pois

⁴ Cf. Shakespeare. *A tragédia de Hamlet*: príncipe da Dinamarca. 3. ed. rev. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 58 (ato I, cena V, linhas 166-167).

⁵ L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 149.

⁶ *Ibidem*, p. 155.

não há nada de mecânico na experiência humana –, mas com certeza é tremendamente difícil subtrair-se ao impacto da realidade, que se tornou tão inexorável e dramaticamente desafiadora. De toda forma, quem quer que se poupe da provocação do real, dos acontecimentos, não poderá experimentar completamente a vibração inefável da razão e do coração que nos torna homens. E nas últimas semanas vimos acontecer copiosamente os sinais dessa humanidade, que nos encheram de gratidão e de maravilhamento.

O que você entende por «vibração inefável da razão»?

As perguntas que tomam de assalto a todos nós. O desafio que a realidade nos dirigiu “obrigou-nos” a olhar mais profundamente para o nosso sermos humanos. Fomos arrancados da zona de conforto na qual nos havíamos confortavelmente instalado, e acometidos por perguntas que normalmente, de um jeito mais ou menos intencional, evitamos ou afogamos nas rotinas diárias. Umberto Galimberti ressalta isso ao responder a uma leitora: «Na condição inusitada em

que viemos parar devido ao efeito da suspensão das nossas atividades diárias, neste estado de desorientação, não seria o caso de vocês se dirigirem à sua interioridade, que normalmente negligenciam, para saberem quem são? O que fazem no mundo? Que sentido tem a sua vida? [...] Estas reflexões seriam realmente um passo à frente para sermos homens de verdade, porque viver à própria revelia não é exatamente o máximo para a nossa própria autorrealização e para encontrarmos um sentido para nossa própria existência». ⁷ Toda crise, todo e qualquer golpe profundo da realidade, como nos ensina Hannah Arendt, «nos obriga a voltar às questões mesmas», ⁸ faz com que o nosso eu floresça em toda a sua exigência de significado, faz com que gritemos: por quê?

São perguntas que perturbam, inquietam, nos obrigam a pensar em algo que nos escapa...

São as perguntas da razão, que acompanham estruturalmente o caminho do ho-

⁷ *D-la Repubblica*, 21 de março de 2020.

⁸ H. Arendt, *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 223.

mem enquanto criatura consciente de si. Elas mostram a busca radical e inesgotável por um sentido do eu perante o que acontece – a realidade, a dor, a morte – e, junto com isso, a profunda coincidência entre racionalidade e religiosidade. Uma coincidência que poderá surpreender quem estiver acostumado pela nossa cultura a reduzir a religiosidade a sentimento, a *feeling*. A manifestação dessas perguntas (que significado tem a existência? por que a dor e a morte existem? no fundo, por que vale a pena viver? de que e para que foi feita a realidade?) expressa a vocação da razão e aquilo que considero a religiosidade autêntica e inevitável do homem.

O que é que se revelou à razão na situação atual?

Uma fragilidade estrutural – não contingente ou provisória –, vinda à tona em toda a sua dramaticidade. Muitos escreveram sobre isso nestes dias. Queria citar aqui dois amigos muito queridos, Pilar Rahola e Pedro G. Cuartango, intelectuais famosos respectivamente de Barcelona e de Madri, que se debruçaram sobre a pandemia que

vem pondo de joelhos também o meu país de origem.

Rahola declarou: «A comoção desta pandemia nos deixará, por exemplo, uma sensação de muito mais vulnerabilidade, finalmente convencidos de que o nosso modelo de vida e a própria vida são enormemente frágeis. Uma ideia de fragilidade que talvez tenha estado presente em toda a história da humanidade, mas que havíamos esquecido nesta época de orgulho tecnológico. Um simples vírus da gripe e, de repente, o caos mundial... Sim, sem dúvida voltaremos com uma maior percepção de vulnerabilidade».⁹ Não é nenhuma novidade que sejamos vulneráveis, é uma condição que vemos em nós inscrita desde o nascimento; mas em tempos de orgulho tecnológico, em que tudo parecia estar em nossas mãos, de algum modo o tínhamos esquecido, deixando de lado, perdendo a percepção do que somos. Foi a ruptura da realidade o que nos devolveu a consciência de algo que, como vemos, é evidente mas não óbvio. «Esta peste – destaca Pedro G. Quartango – devolve-nos a consciência da fragilidade do ser humano e de sua insignificância ante

⁹ *La Vanguardia*, 26 de março de 2020.

forças da natureza que não controlamos. Fiquemos com a lição de que não somos deuses e nunca o seremos».¹⁰

Neste sentido, acho coerente a consideração de Jean-Pierre Le Goff, no *Le Figaro*: «Temos de nos confrontar com o trágico e novamente somos deparados com os limites da nossa condição, com a “fragilidade das coisas humanas” [...]. Este período de suspensão pode ser a ocasião para nos centrarmos no essencial, para tentarmos entender os desafios do nosso tempo. [...] A ruptura introduzida por esta epidemia [...] põe em discussão ideias e representações que pareciam solidamente ancoradas [...]. A vida moderna parece estar estruturada nos antípodas da ideia pascalina segundo a qual “toda a infelicidade do homem deriva de sua incapacidade de ficar sozinho em seu quarto”. [...] A epidemia obriga-nos a nos confrontarmos com o trágico da história sem subterfúgios. [...] Cabe a cada um de nós tirar dela as devidas lições».¹¹

¹⁰ *ABC*, 24 de março de 2020.

¹¹ *Il Foglio*, 30 de março de 2020.

A experiência renovada da nossa fragilidade nos põe a todos no mesmo barco...

Sim, nós ouvimos o Papa Francisco transmitir isso numa praça de São Pedro deserta, na noite de sexta-feira, 27 de março, de um modo e com uma intensidade que deixaram a todos em silêncio: «Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados [...]. A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de “empacotar” e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiar com hábitos aparentemente “salvadores”, incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades. Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto,

uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos. “Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” Nesta tarde, Senhor, a tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que Tu amas mais do que nós, avançamos a toda a velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: “Acorda, Senhor!”»¹²

Mas que ganho temos ao nos descobrirmos frágeis, vulneráveis? Para que serve?

Para nos tirar do torpor em que normalmente vivíamos, para nos arrancar da distração

¹² Francisco, *Momento extraordinário de oração*, 27 de março de 2020.

a que normalmente nos entregamos quase sem saber, para interromper aquela obtusidade que tantas vezes nos envolve: «Tudo conspira para nos calar, / como se cala / uma vergonha, talvez um pouco como se cala / uma esperança inefável».¹³ Mas não se trata apenas de nos descobirmos frágeis («Longe do próprio ramo, / ó pobre folha frágil, / aonde vais tu?»),¹⁴ dizia Leopardi). A percepção mesma da nossa fragilidade acarreta consigo, de fato, como sua condição, a grandeza do humano, o «mistério eterno / do nosso ser»: «Ó natureza humana, / se em tudo és frágil, vil, / se és pó e sombra, como no alto vagas?»¹⁵ A acusação do limite, da finitude, o sentido do trágico implicam aquela infinidade do desejo que nos define como homens, antes mesmo de o sabermos. «Imaginar infinita a quantidade de mundos, o universo infinito, e sentir que nossa alma

¹³ Cf. R. M. Rilke, “Segunda Elegia” (v. 42-44). In: *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 115.

¹⁴ G. Leopardi, “Imitação” (vv. 1-3). In: *Idem, Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 296.

¹⁵ *Idem*, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo” (vv. 22-23, 49-51). In: *Ibidem*, pp. 276-277.

e nosso desejo são ainda mais vastos que tal universo.»¹⁶ A essa grandeza também pertence a constatação da nossa contingência: não nos fazemos por conta própria, não somos nós quem nos dá o nosso ser. No fundo de nós domina uma dependência. Temos hoje, de maneira particular, a possibilidade de nos tornarmos mais conscientes.

Você observou alguma menção a um “abalo” da consciência?

Sim, e não só entre personalidades e escritores de quem é mais óbvio esperar isso. Conta um professor aposentado envolvido numa iniciativa de reforço escolar para jovens de origem estrangeira: «Hoje, uma brecha de luz no meio das notícias cada vez mais alarmantes sobre o Coronavírus. Fizemos uma videoconferência, para quem quisesse, com os nossos alunos da *Portofranco* que fazem conosco o curso de italiano. São meninos e meninas estrangeiros, egípcios e marroquinos», de qualquer religião, até muçulmanos. «Conversamos sobre como estamos vivendo esta situação:

¹⁶ Idem, “Pensamentos” (LXVIII). In: *Ibidem*, p. 497.

o medo, as preocupações, a escola que está fechada. Num determinado momento, um deles disse que este episódio evidencia o limite do homem e começou um diálogo sobre esse tema. Um diálogo que evidenciou certa distância em relação a quem é Deus, mas ao mesmo tempo veio à tona que o que nos une a todos é a busca por um sentido dentro deste drama e a pergunta sobre por que é uma provação para cada um. Uma conversa intensa sem preconceitos, um entendendo as razões do outro. Uma conversa livre, entre pessoas que estão levando a sério o que nos tem acontecido e que o estão vivendo como verificação do que vale na vida». ¹⁷

Normalmente vivemos – por contraste – extensas brechas da nossa existência com uma imagem falseada de nós mesmos, pondo em quarentena a nossa condição de ser humano. E isto nos faz permanecer num estado de anestesia. Por isso Llamazares observa: «Se nos há de servir para algo esta catástrofe sanitária, é para nos lembrar da fragilidade de tudo, algo que esquecemos

¹⁷ Cartas, “Com todos, nós compartilhamos a mesma pergunta”, *portugues.clonline.org*, 16 de abril de 2020.

quando se sucedem alguns anos de paz e de bem-estar». ¹⁸

Quais são as consequências do torpor?

Deixa-nos inermes perante os imprevistos da vida. Como escreveu ainda González Sainz: «Quando a realidade mais crua e real irrompe com brutalidade como agora, quando a distância entre os fatos e os relatos, entre os nomes das coisas e as coisas dos nomes, se reduz ao mínimo, todas as ilusões simuladoras, todo o maquinário infernal da mentira e da hipocrisia e toda a ignorância presunçosa e a falta de prudência, de rígida adesão à realidade e ao seu controle e sua gestão mais eficaz, tempestiva e efetivamente benéfica, são as piores armas para enfrentá-la. A realidade nos pega desprevenidos, desarmados e prisioneiros dos hábitos mentais mais contraproducentes». ¹⁹

¹⁸ *El País*, 28 de março de 2020.

¹⁹ *El Mundo Viernes*, 20 de março de 2020.

«A realidade mais crua e real irrompe com brutalidade...» São palavras sombrias...

A realidade não está dando trégua. Como escreveu Paolo Mieli no dia 3 de abril, «no mundo já contamos um milhão de contágios. Um milhão e já sabemos que não vai parar por aqui. Metade da população do globo terrestre está fechada dentro de casa. A Itália tem o recorde de mortes (13.915), seguida pela Espanha, que ultrapassou o valor de dez mil. Em Bolonha faleceu o primeiro detento, internado no hospital. Na China registraram-se confrontos na ponte do Rio Azul com agentes da província de Jiangxi decididos a impedir o tráfego de viajantes provenientes de Hubei, em que acabara de ser declarado o fim do bloqueio. Contemporaneamente, foi posto em isolamento um condado da província de Henan fronteira à própria Hubei. Em Hong Kong, começaram a segunda quarentena depois que o vírus reapareceu por causa (sustentam as fontes oficiais) da falta de respeito às distâncias de segurança nos restaurantes».²⁰

Com a expansão do vírus estamos fazendo experiência da realidade como al-

²⁰ *Corriere della Sera*, 3 de abril de 2020.

teridade, sombria e surda em sua absoluta diversidade: uma presença inexorável da qual dependemos. A primazia da realidade impôs-se para além de qualquer redução nossa. Sua irredutibilidade interpela-nos, não larga mão do nosso eu. Com Nietzsche nós estávamos certos de que «não há fatos, apenas interpretações».²¹ Esta sua sentença, que resistiu por muitos anos como uma verdade indiscutível, numa situação como esta mostra seu flanco. A realidade, que parecia algo superado, é teimosa e está retomando a cena, está retornando prepotentemente ao centro das atenções. Diante de nossos olhos há algo além de interpretações: há fatos obstinados, que requerem ser considerados e também adequadamente interpretados. O niilismo é – ao menos neste sentido – posto contra a parede.

A teimosia da realidade não nos deixa tranquilos, embora muitas vezes prefiramos não olhar, como quando assistimos algumas semanas atrás ao desfile de caminhões do exército levando os caixões dos nossos mortos bergamascos. Não sem razão, portanto, pergunta-se Domenico Quirico: «Será que

²¹ Cf. F. Nietzsche, *Fragmentos Póstumos 1885-1887*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, v. 6.

questionar-se sobre a morte, com dignidade, em silêncio, não é um dever cultural que esta situação nos impõe?»²²

A realidade volta à tona em toda a sua misteriosidade. Ezio Mauro fala das «angústias que nascem do desconhecido, numa dimensão inalcançável»,²³ em relação às quais testamos o limite da nossa capacidade de domínio.

E, quando aparece essa misteriosidade, a realidade incute medo...

O inimigo contra quem estamos combatendo, com efeito, não é apenas o Coronavírus, mas justamente o medo. Um medo que sempre percebemos e que contudo explode quando a realidade desnuda a nossa impotência essencial, assumindo as rédeas em muitos casos e fazendo-nos reagir às vezes desordenadamente, levando-nos a fechar-nos, a desesperar. Ilvo Diamanti apontou para isto, sempre atento aos tumultos da nossa sociedade: «Vivemos no “tempo do

²² *La Stampa*, 5 de abril de 2020.

²³ *la Repubblica*, 11 de março de 2020.

medo”. [...] Porque a in-Segurança e a in-Certeza nos acompanham faz muitos anos. Provavelmente, desde sempre. [...] Assim, o medo entrou na nossa vida. No nosso mundo. Muito antes que irrompesse a Covid. [...] Longe dos outros. Cada vez mais sós. [...] Corremos o risco de perder a esperança. E a nós mesmos». ²⁴ Mas sucumbir ao medo não é o único caminho.

O que você quer dizer?

Em momentos como este, fica visível o caminho de amadurecimento que cada um fez pessoalmente e junto com os demais, a consciência de si que ganhou, a capacidade ou incapacidade de encarar a vida que tem entre os dedos. Nossas pequenas ou grandes ideologias, nossas convicções, até mesmo as religiosas, são postas à prova. A crosta das falsas seguranças mostra suas rachaduras. É em circunstâncias como esta em que estamos imersos que entendemos que «a força de um sujeito está na força da sua autoconsciência, isto é, na percepção que ele tem dos

²⁴ *la Repubblica*, 9 de março de 2020.

valores que definem sua personalidade»,²⁵ na clareza com que se percebe a si mesmo e àquilo por que vale a pena viver.

Como e que quer dizer agir como seres humanos perante esta circunstância, que, querendo ou não, diz respeito a todos nós, embora de maneiras diferentes: uns na linha de frente lutando contra a doença (pacientes, médicos e profissionais da saúde), outros garantindo os serviços essenciais (dos empregados dos supermercados às forças de ordem), outros compartilhando situações de necessidade (voluntários, religiosos e muitos outros), outros ainda fechados em casa em obediência à regra de isolamento e de “distanciamento social”?

Há um ponto que nos une a todos, e é a disponibilidade de aceitar o chamado que vem da realidade. Em qualquer circunstância em que nos encaixemos, entre as listadas, qualquer que seja a tarefa que nos foi confiada ou que tenhamos escolhido exercer, o que acontece – isto é, o pedaço de realidade que nos concerne e se restringe ao nosso redor –

²⁵ L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 155.

interpela-nos, chama-nos a responder. Não temos outro lugar onde a vida possa ser vivida como significado, como destino; não temos outro modo de caminhar para a nossa tarefa fora das circunstâncias em que estamos. Isto, permito-me dizer, vale para todos. Em seu livro mais conhecido, *O senso religioso*, Dom Giussani afirma: «A única condição para sermos sempre e verdadeiramente religiosos é vivermos sempre intensamente o real».²⁶ Essa sua concepção da religiosidade é uma que nos impele a reconhecer toda e qualquer circunstância como chamado, ou seja, como vocação.

A circunstância, aquilo que instante após instante nos concerne e nos provoca, é o detalhamento de uma realidade que não é feita por nós, que remete, quanto a sua origem última, a algo diferente, além de nós, maior do que nós, àquela origem insondável a que chamamos – justamente – Mistério. A religiosidade manifesta-se como intuição vivida do Mistério, dessa incomensurabilidade enigmática, na relação com qualquer severidade da realidade. Por isso, diz ainda Giussani, «viver a vida como vocação significa tender para o Mistério através das

²⁶ Idem, *O senso religioso*, op. cit., p. 167.

circunstâncias pelas quais o Senhor nos faz passar, respondendo a elas. [...] A vocação consiste em caminhar para o destino, abraçando todas as circunstâncias através das quais o destino nos faz passar».²⁷ Giussani estava bem consciente da vertigem que isso introduz na vida: «O homem, a vida racional do homem deveria estar suspensa ao instante, suspensa a cada instante a este sinal aparentemente tão volúvel, tão casual, que são as circunstâncias através das quais o desconhecido “senhor” me arrasta, me provoca para o seu desígnio. E dizer “sim” a cada instante sem ver nada, simplesmente aderindo à solicitação das ocasiões. É uma posição vertiginosa».²⁸ É difícil para mim achar uma expressão mais adequada para descrever a situação em que acabamos indo parar quando realmente ficamos diante do que ocorre: um vertiginoso estar suspensos «a cada instante a este sinal aparentemente tão volúvel, tão casual, que são as circunstâncias». E no entanto – digo – esta é a única atitude racional, pois é por meio dessas circunstâncias que o Mistério, aquele «des-

²⁷ Idem, *Realidade e juventude. O desafio*. Lisboa: Diel, 1995, p. 67.

²⁸ Idem, *O senso religioso*, op. cit., p. 205.

conhecido “senhor”», nos interpela, nos provoca ao seu desígnio misterioso, isto é, à realização da vida.

Muitas vezes enxergamos as circunstâncias, determinadas circunstâncias, exclusivamente como um obstáculo para a realização de nós mesmos...

É uma questão permanente. Hoje é o isolamento do Coronavírus ou uma situação que pode apresentar-se ainda maior e mais difícil, amanhã será o estudo pesado demais ou o trabalho que fazemos e que jamais escolheríamos, ou um sucesso frustrado onde o esperávamos, uma recusa amorosa, um amigo ou um colega invasivo, uma doença: sempre haverá algo que aparece como um obstáculo para a realização da nossa vida, ao passo que – vertiginosa e dramaticamente – é o lugar em que se dá a realização da vida, a nossa própria relação com o Mistério. Chego quase a dizer que é uma questão objetiva, não uma escolha. A escolha é relativa ao reconhecimento maior ou menor disso.

O que pode sustentar-nos nesta “vertigem”?

Uma companhia humana. Uma determinada companhia humana, melhor. Esta resposta nos conduz a um exame atento da nossa vida social, para ver quem representa uma ajuda e quem representa uma distração em relação a essa vertigem. O isolamento é uma ocasião paradoxal para entendermos qual é a companhia que alimenta no profundo a nossa existência. Com isso entendo uma companhia não extrínseca, não justaposta à vida, que não anestesia as perguntas que urgem dentro de nós, mas ao contrário nos sustenta ao olharmos para elas de frente sem fugir.

Qualquer companhia está sob suspeita, deste ponto de vista, cristã ou leiga, a dos colegas de escola ou da faculdade, do bar ou do trabalho, em família, etc. Quantas vezes negociamos com a nossa exigência e miramos mais baixo, contentando-nos com um âmbito de relações que nos proteja do impacto das coisas, que nos poupe do desafio das circunstâncias, em vez de nos impelir a vivê-lo! Mas semelhante companhia não pode estar à altura do drama: em momentos como o que estamos atravessando, em que a urgência da vida se faz inevitável

e poderosa, isto se mostra mais evidente do que nunca.

Se o medo nos invade, o que pode vencê-lo?

Talvez a experiência mais elementar de que dispomos a propósito disto seja a da criança. O que vence o medo numa criança? A presença da mãe. Este “método” vale para todos. É uma presença, não as nossas estratégias, a nossa inteligência ou a nossa coragem, o que mobiliza e sustenta a vida de cada um de nós. Uma presença, a memória operante dela.

Antonio Polito ressaltou o valor da metáfora da mãe com a criança como a resposta mesma ao medo do Coronavírus: «Enxergo a necessidade de termos confiança em algo maior do que nós, que nos ama infinitamente e então nos protege. Exatamente como fazemos na infância»; e fez referência à imagem artística de Nossa Senhora da Misericórdia, que «abre seu manto e protege o povo».²⁹

²⁹ *Passos-Litterae communionis*, n. 223, abr./2020, p. 11.

E quando o medo é o da escuridão da morte?

A dinâmica só pode ser a mesma, pois o humano tem suas leis. Mas perante o medo profundo, aquele que nos atormenta no fundo do nosso ser e que nos esforçamos para repelir o mais longe possível (o medo da morte e de qualquer reflexo seu na vida), cumpre perguntar-se qual é a presença capaz de vencê-lo. Não é qualquer presença. É por isso que Deus se fez homem, se tornou uma presença histórica, carnal, próxima, como testemunhou (e testemunha) a vida de seus discípulos, e como narra o Evangelho. Para compartilhar o nosso sofrimento humano, Deus fez-se homem, «um homem chamado Jesus, de Nazaré, filho de Maria, que [...] aquela vez em Naim, vendo uma mãe, viúva, que acompanhava o caixão de seu filho morto até o sepulcro, foi tomado por um ímpeto de emoção e, dando um passo à frente, pôs a mão no ombro daquela mãe e lhe disse: “Mulher, não chores”, com uma estranha incongruência. E, em seguida, ressuscitou seu filho. Mas como é possível dizer “não chores” a uma mulher viúva cujo filho morreu? É absurdo. No entanto, era essa “absurdidade” o que dei-

xava as pessoas de boca aberta». ³⁰ Como será que se sentiu essa mulher, investida por um abraço que superava todo sentimento humano e lhe devolvia a esperança? Aquela morte não era o fim de tudo, aquela mãe viúva não estava condenada a ficar sozinha, porque a semente da Ressurreição estava presente naquele Homem que lhe dizia aquelas palavras inéditas e que logo depois lhe devolveu vivo aquele filho.

Qual é então a resposta do cristianismo ao drama humano, da solidão, da dor, da doença, das situações que não têm resposta, como tantas daquelas que vimos acontecer copiosamente nestes dias?

Paul Claudel tem uma observação fulminante acerca disso: «Uma questão apresenta-se continuamente na alma do doente: “Por quê? Por que comigo? Por que tenho de sofrer?” [...] A esta que é a mais antiga das questões terríveis da humanidade, à qual Jó deu sua forma quase oficial e litúrgica, só Deus, diretamente

³⁰ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 53.

interpelado e chamado em causa, era capaz de responder, e a questão era tão enorme que o Verbo só podia encará-la fornecendo não uma explicação, mas uma presença, conforme estas palavras do Evangelho: “Eu não vim para explicar, para dissipar as dúvidas com uma explicação, mas para preencher, ou melhor, para substituir com a minha presença a necessidade mesma da explicação”. O Filho de Deus não veio para destruir o sofrimento, mas para sofrer conosco». ³¹

Deus não respondeu ao problema da vida, da solidão e do sofrimento com uma explicação, mas com Sua presença: veio ao mundo para acompanhar-nos na vivência dele, fez-se companhia ao homem em qualquer situação que este possa vir a estar, para que o homem consiga estar diante dela, atravessá-la com uma última e indestrutível positividade. Como disse Bento XVI numa famosa homilia, «só este Deus nos salva do medo do mundo e da ansiedade perante o vazio da própria existência. Só olhando para Jesus Cristo, a nossa alegria em Deus alcança a sua plenitude, se torna alegria remida». ³²

³¹ *Toi, qui es-tu?* Paris: Gallimard, 1936, pp. 112-113.

³² Bento XVI, *Homilia*, Ratisbona, 12 de setembro de 2006.

*Você fala de «indestrutível positividade»...
Como é possível?*

Fico imaginando o contentamento daquela viúva, quando viu ressuscitarem seu único filho; um filho que, porém, morreria de novo, mais cedo ou mais tarde, assim como ela. O problema voltaria a apresentar-se. Penso então na experiência de São Paulo, quando, estando em cativeiro em Roma, à espera de uma sentença que poderia significar sua morte, cheio de gratidão e de alegria, escrevia à comunidade de Filipos – que ele «traz no coração» e pela qual nutre «um grande afeto» – palavras que para a maioria pareceriam absurdas: «Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro». Como era possível? Ele tinha visto Cristo vivo, ressuscitado, definitivamente vitorioso sobre a morte: daí nasciam a sua certeza, a sua alegria e o seu jeito de viver aquela circunstância como qualquer instante da existência («seja pela vida, seja pela morte»). Tudo era determinado pela relação com aquela presença. Ora – digo-o pensando no que vem acontecendo nestes dias, que também envolve a muitos cristãos –, Cristo não anula o drama e a dor da separação de seus entes queridos, mas possibilita outro jeito de vivê-los e de lidar com a morte, no

qual não domina o nada, mas a certeza da Sua presença vitoriosa, de um abraço sem fim e, portanto, da realização da vida, da relação definitiva com Ele. Só pode ser assim para quem viu aparecer em sua experiência os sinais dessa realização e o crescimento de um desejo acima de todos os outros, o de «estar com Cristo, o que para mim é muito melhor»,³³ como escreve São Paulo. Não por um desprezo à vida, mas justamente por um amor à vida que pede a eternidade.

Como é que hoje, com o que vê acontecer, imerso na mentalidade que respiramos, o homem pode reconhecer a verdade dessas afirmações?

Tais afirmações só se tornam críveis se virmos aqui e agora pessoas em quem se enxerga a vitória de Deus sobre o medo e sobre a morte, a presença d'Ele real e contemporânea, e portanto um jeito novo de enfrentar as circunstâncias, cheio de uma esperança e de uma letícia normalmente desconhecidas e também traduzido numa operosidade indômita.

³³ Fl 1,21.23.

Mais do que qualquer discurso reconfortante ou receita moral, aquilo de que precisamos é precisamente identificar pessoas em quem consigamos ver encarnada a experiência dessa vitória, de um abraço que permite estar diante da ferida do sofrimento, da dor, em que é testemunhada a existência de um significado correspondente aos desafios da vida.

Há pessoas assim?

Sim, e como! E em momentos como o atual é ainda mais imediato identificá-las, por causa da diversidade que vivem, da esperança que carregam. Junto com elas, no lugar onde as encontrarmos, poderemos recomençar mais facilmente, despertando do pesadelo em que fomos precipitados, reconstruindo parte por parte um tecido social em que a suspeita e o temor do contato com o outro não sejam a última palavra.

Vejo-as também em muitos médicos e enfermeiros. São presenças realmente “amigas”, que nos testemunham um caminho possível; são presenças que nós não programamos, tão excepcionais – mesmo dentro das circunstâncias de todos – que nos

deixam sem palavras, em silêncio. Como a pessoa que escreveu a carta que vou citar agora. Pensei se a reproduziria aqui, pois contém uma referência que me diz respeito, mas me pareceu que valia a pena mesmo assim.

«De repente fui jogada numa trincheira. Parece que estamos em guerra. O meu dia a dia no trabalho e na família mudou em um dia. De médica, de mãe, de mulher, passei a dormir em isolamento do meu marido, sem ver meus filhos há duas semanas, sem poder ter um contato direto com os pacientes. Entre mim e os meus doentes há uma máscara, uma viseira e o escafandro deles. Em geral são idosos que vivem este momento sozinhos. Têm medo. Morrem sozinhos. E os parentes, isolados em casa, não podem assistir o seu amado, a sua amada, e recebem telefonemas no meio da noite em que lhes comunico a morte do seu familiar: entre mim e eles há o telefone. Que posso fazer eu humanamente para eles, enquanto cristã? Entro na enfermaria, procuro um sorriso e o abraço de uma amiga enfermeira: neste momento de isolamento também preciso sentir-me fisicamente junto de alguém. E só posso abraçá-los a eles. Perante tudo isso, sustenta-me reler todos os dias

a carta de Carrón ao *Corriere della Sera*,³⁴ que me ajuda a voltar para uma posição de abertura, a perguntar-me o que no fundo resiste. Sou chamada a reconhecer o essencial, o verdadeiro. Além disso há todo o percurso feito sobre o texto da Escola de Comunidade [a catequese permanente no movimento Comunhão e Libertação; *ndr*]: a provação é a maneira com que a fé pode crescer, se a liberdade estiver lançada diante da Preferência que nos pede tudo. E isso é vertiginoso. Nós temos de confiar e assumir esse risco. A certeza que sustenta a nossa vida é um vínculo, e há um caminho a fazer para chegarmos a essa certeza afetiva. As circunstâncias são-nos dadas para nos apegarmos mais a Ele, que está nos chamando de um jeito misterioso. A fé é confiar que Ele está nos chamando. “Só quando domina uma esperança fundamentada é que ficamos em condições de encarar as circunstâncias sem fugir.” Somos chamados mais do que nunca a responder a Ele, que nos chama misteriosamente. É esta a certeza que posso dar aos meus doentes,

³⁴ “Eis como nas dificuldades aprendemos a combater o medo”, *Corriere della Sera*, 1 de março de 2020, p. 32.

aos parentes, além de fornecer o tratamento médico.»

São presenças que comunicam uma certeza e uma esperança fundamentada a quem quer que encontrem em seu caminho, e que só podem comunicá-la porque a vivem.

Enfim, não basta apenas um discurso “cristão”...

Só adianta o testemunho, a documentação da diversidade humana produzida pelo encontro cristão reconhecido e verdadeiro. E não podemos “inventar” testemunhos, só podemos comunicar ou oferecer aos outros aquilo de que fazemos experiência como caminho pessoal. Recentemente conversei com uma pessoa cujo marido foi testado positivo para o Coronavírus. Ela não pode ir visitá-lo, não pode ficar com ele nem um minuto sequer. Ademais tem uma filha pequena. Ela me dizia: «Viu? Neste momento eu queria oferecer-lhe minha ajuda, minha proximidade, só que estou aqui, presa, com minha filha». Tentei dizer-lhe: «Você também precisa aceitar responder à circunstância que tem, tal como seu marido vem tentando fazer em relação à realidade que está enfren-

tando. Senão, se não fizer um caminho, se você mesma não viver a relação com uma Presença que vence o medo, quando ele a chamar pelo *FaceTime* para ver vocês duas, que ajuda você vai dar? Você só vai poder colaborar com o sofrimento dele, oferecer-lhe uma contribuição enquanto ele sofre no hospital com o Coronavírus, se você mesma fizer o caminho: ainda que você não lhe diga nenhuma palavra, na sua dificuldade ele vai poder ver então a esperança que pode sustentá-lo».

O que suscitam em você as pessoas que, como se diz, estão na linha de frente na batalha contra o Coronavírus, que estão expostas diariamente ao risco?

Esta semana assisti à explosão de uma generosidade, de uma dedicação e de um cuidado que me comoveram profundamente. É uma gratidão imensa o que sinto por quem, pondo em risco a si mesmo, compartilha a necessidade dos próprios irmãos.

«Quando vemos outras pessoas que estão em uma situação pior do que a nossa, sentimo-nos impelidos a ajudá-las, compartilhando algo que é nosso. Tal exigência é tão

original, tão natural, que existe em nós mesmo antes que tenhamos consciência dela, e por isso nós a denominamos justamente lei da existência. [...] O fato de nos interessarmos pelos outros, de nos comunicarmos aos outros, leva-nos a cumprir o supremo, aliás, o único, dever da vida, que é o de realizar a nós mesmos.»³⁵ O encontro cristão tem o propósito de sustentar e tornar cada vez mais estável e verdadeiro esse ímpeto humano, de exaltar a humanidade do homem, para que a vida possa tornar-se “caridade” em cada expressão sua, dom comovido e gratuito de si.

Este período de solidão forçada, esta “circunstância”, não é um obstáculo para a experiência cristã de que você falou? O “distanciamento social” impõe um distanciamento também dessas “presenças” que você mencionou logo antes, um arrefecimento da partilha, da companhia...

Pelo contrário, pode ser uma grande ocasião para o aprofundamento da experiên-

³⁵ L. Giussani, *O sentido da caritativa*. In: Arquivo, portugues.clonline.org, p. 4.

cia cristã, para o amadurecimento da fé, ou seja, para a descoberta do conteúdo do encontro feito, da origem daquela companhia que começamos a experimentar como lugar gerador de nós mesmos, da nossa própria consistência. Se não ocorrer esta descoberta, ficamos na superfície, corremos o risco de reduzir sociologicamente o acontecimento cristão, de esvaziar a companhia de seu significado autêntico. Tento explicar-me com um episódio. Um jovem amigo meu formou-se e começou uma vida nova. Consequentemente, já não conseguimos ver-nos com a mesma frequência de quando ele ia à faculdade. Recentemente estava reclamando disso comigo. Lembrei-lhe um trecho do Evangelho. Certo dia, os discípulos estavam no barco com Jesus e perceberam terem-se esquecido de pegar os pães. Apesar de terem testemunhado dois milagres gigantescos – duas multiplicações de pães como jamais ocorreram na história –, começaram a brigar entre si por terem esquecido os pães. Então fiz observar ao meu amigo que Jesus estava lá, do lado deles, no barco! E eles continuavam reclamando! O problema não era que estivessem sozinhos, já que Jesus estava com eles, mas para eles era como se não estivesse. E, de fato, discutiam entre si que

não tinham pão! Para mostrar onde estava o problema, Jesus não fez mais um milagre. De que adiantaria fazer mais um, depois de todos os que eles já tinham visto? Que contribuição dá Jesus, então? Dirige-lhes três perguntas. A primeira: «Quantos pães sobraram depois da primeira multiplicação?» E depois: «Quantos sobraram depois da segunda?» E por fim: «E ainda não entendeis?»³⁶ (cf. Mc 8,19-21). Como é preciosa a contribuição que Jesus oferece aos seus amigos, ao não lhes poupar as perguntas! Ele não acrescenta explicações, não realiza outros milagres, mas solicita-os, a partir de dentro da experiência deles, a usar a razão até o fundo, de modo que pudessem dar-se conta de quem tinham encontrado (tinham consigo o dono da “padaria”!). Atenção: se não tinham entendido, não era porque estivessem sozinhos ou não dispusessem de elementos suficientes, mas porque ainda não tinham usado bem a razão. Com efeito, Jesus revelara-se a eles com os muitos sinais que tinham visto, de uma resposta excepcional, finalmente correspondente ao coração e ao desejo deles e dos demais, em muitas ocasiões, até dramáticas, mas eles ainda não

³⁶ Cf. Mc 8,19-21.

tinham reconhecido quem Ele era, com aquele reconhecimento que se chama fé e que «floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça, a que o homem adere com sua liberdade».³⁷

A fé cristã não é o reconhecimento do “divino”, mas do “divino presente” no humano, em Jesus de Nazaré, em Cristo, e hoje no sinal de Cristo que é a companhia dos que creem n’Ele. «O acontecimento de Cristo permanece na história mediante a companhia formada pelos que creem»;³⁸ «Jesus Cristo, esse homem de dois mil anos atrás, se encerra, se torna presente, sob a tenda, sob o aspecto de uma humanidade diferente»;³⁹ com um fenômeno de humanidade diferente: a pessoa depara e surpreende-se com um pressentimento novo de vida, algo que aumenta sua possibilidade de certeza, de positividade, de esperança e de utilidade na vida. A muitos de nós pode ter acontecido esse “impacto”, sem que tenha amadurecido aquele reconhecimento que se chama

³⁷ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 42.

³⁸ *Ibidem*, p. 51.

³⁹ L. Giussani, “Algo que vem antes”. In: *Passos-Litterae communionis*, n. 100, out./2008, p. 2.

fé, que floresce como graça no limite extremo da dinâmica racional, implicando então todo o percurso da razão, da afeição e da liberdade do homem. Esta circunstância de isolamento forçado, justo na medida em que nos solicita a não dar por óbvia a realidade humana com que deparamos, pode ser uma grande ocasião para o desenvolvimento mais consciente e pessoal deste percurso, para nos darmos conta da natureza do acontecimento que nos alcançou na forma de um encontro humano fascinante e persuasivo. Podemos aproveitar a ocasião ou entregar-nos à reclamação, como os discípulos no barco.

Resta ainda, de toda forma, nesta situação de isolamento forçado, o fato de não podermos dividir a dor e o sofrimento dos nossos caros, o fato de termos de abandoná-los num hospital...

É a questão que uma garota de Madri pôs durante o encontro com alguns universitários com os quais me conectei em videoconferência na última semana de março. Ela disse: «Nestes dias meu avô está no hospital, provavelmente vai morrer, e na família estamos com uma pergunta grande, pois não

podemos ficar lá com ele; não só está morrendo, mas está morrendo sozinho. Eu sinto toda a minha impotência e digo a mim mesma: “Por que não posso estar com ele? Por que não posso fazer-lhe companhia agora?”» É evidente aqui que a circunstância requer e, em certo sentido, impõe um sacrifício: o que gostaríamos de fazer não é realizável, está proibido. Mas o ponto é novamente se a circunstância, tal como nos é “dada”, ou seja, em sua inexorabilidade – não podemos removê-la, trocá-la, modificá-la; senão, principalmente em casos como este, tomaríamos medidas de forma imediata e sensata para fazê-lo –, é túmulo, vazio absoluto, pura aniquilação, ou se é vocação, lugar de um chamado misterioso, a maneira com que o Mistério – que toda a realidade implica – me provoca para a realização da vida, para a caminhada até o destino. Esta é a alternativa.

Se reconhece a realidade como um chamado, aquela garota pode dizer, como de fato disse ao continuar sua fala: «Até esta circunstância é para mim. Até esta impotência é para mim. Até a solidão do meu avô no hospital é para ele. A mim é pedida a disponibilidade de aderir ao sinal do Mistério que são as circunstâncias, de seguir a provocação da realidade». É vertiginoso, como eu

disse antes, e é dramático. O Mistério fez-se carne para que o homem pudesse sustentar essa vertigem, atravessar a abraçar esse drama. Essa garota o testemunhou na frente de todos aqueles que a escutavam. O “sim” à circunstância vira o “sim” ao Mistério feito carne, àquele homem, Jesus Cristo, morto e ressuscitado, presente aqui e agora – dois mil anos depois – na carne de uma companhia humana gerada por Ele, discernível por determinados traços de humanidade inconfundíveis. «A verdade da fé», dizia Giussani em 1972, num momento histórico denso de dificuldades, demonstra-se «pela capacidade que tem de tornar instrumento e ocasião de amadurecimento» aquilo que «surge como objeção, perseguição ou dificuldade de qualquer tipo».⁴⁰

Portanto, quem está confinado entre quatro paredes é chamado a fazer a mesma experiência de quem está na linha de frente?

O coração da experiência não muda. Trata-se de responder à realidade que nos chama

⁴⁰ Cf. idem, “A longa marcha da maturidade”, *Pasos-Litterae communionis*, n. 92, abr./2008, p. 18.

e à sua profundidade misteriosa, e de justamente por meio das circunstâncias que nos são dadas fazer um passo rumo ao nosso destino, à nossa realização, descobrindo o que e quem nos ajuda a nos mantermos nesta tensão. Penso agora num jovem universitário que, até algumas semanas atrás, estava no centro de um redemoinho de relações, sempre fora de casa, mergulhado em mil encontros e iniciativas. De repente o decreto do governo o obrigou, como a todos, a “isolar-se” em casa. Dias e dias, 24 horas por dia, em contato com seus pais. Em vez de perceber isso como uma desgraça, acolheu-o como uma possibilidade, uma provocação, no sentido que acabamos de mencionar. E depois de duas semanas me escreveu: «Com a perspectiva de ficar em casa, fiquei tomado pelo medo, pois sempre tentei me esquivar de casa, nunca me senti à vontade aqui. Depois, porém, me lembrei do olhar de gratuidade que recebi nestes anos, no encontro com algumas pessoas da comunidade, e dos momentos em que neste período consegui ficar com meus pais sem “medi-los”. E me dei conta de que isso ocorreu quando reconheci Cristo presente no meu dia: somente nesses momentos é que eu era livre com eles. Comecei este isolamento rezando como nunca

tinha rezado. Eu dizia: “Senhor, eu vos peço, fazei-vos presente”. O que tem me surpreendido é que comecei a ver que o defeito nunca esteve totalmente neles, mas em mim em primeiro lugar, pois eu olhava para eles segundo uma imagem de perfeição, comparando-os a outros e desqualificando-os. Nestes dias comecei a “olhá-los”, me dei conta de quem são. Até agora eu achava que sabia tudo a respeito deles, e então nem tentava empreender uma conversa, passar algum tempo com eles. Agora, nestes dias, eles são os meus companheiros de vida e estão acontecendo coisas que eu nem imaginava».

Esse rapaz não pôde continuar tratando os pais segundo uma imagem de família que tinha, a convivência estreita – aceita, vivida como vocação – o levou a lidar com eles como eles são de verdade, e isto foi um ganho para sua vida, ele viu os efeitos imediatamente. Ele disse sim ao desafio da realidade e assim deu passos inesperados.

Aderindo às circunstâncias, indo a fundo em certas situações – em que somos “obrigados” por força das coisas –, podemos fazer descobertas que marcam um divisor de águas na nossa vida. Recentemente uma jovem universitária testemunhou isso, ao contar em outro encontro por videoconferência:

«Algumas semanas atrás, depois de um ano de doença, minha mãe morreu. Exatamente uma semana depois do funeral, tive de ficar fechada em casa e sozinha. Meus irmãos moram no exterior e meu pai sai de casa às 6h30 da manhã para ir trabalhar no hospital e volta às 8h30 da noite. Nestes dias de solidão, que não nego serem muito exigentes, percebo como esta situação e condição pode ser privilegiada. Para não desperdiçar o dia inteiro, desde quando abro os olhos, sou obrigada a me perguntar de que é que eu preciso realmente. Peço a alguns amigos que me façam companhia e me contem o que estão vivendo. Além disso, essa condição não permite que eu me distraia da morte da minha mãe, pelo contrário, até cuidar desajeitadamente das coisas da casa me traz à mente os gestos e as palavras dela, vinte e quatro horas por dia. Contudo, na dor que sinto aumentar cada vez mais conforme os dias passam, dou-me conta de que minha mãe, ainda que de forma diferente do que antes, está presente em minha vida, faz com que eu me mova em dias aparentemente todos iguais. Funciona exatamente como com meu namorado, que não está fisicamente comigo mas está presente; está vivendo sua quarentena a quilômetros de distância, e

só o fato de ele estar presente e me saltar à mente durante o dia faz com que eu me mova. A vida que se produziu em mim após a morte da minha mãe – estou vivendo esta solidão simplesmente fazendo o que tenho de fazer, mas com uma seriedade de fundo que não consigo explicar – me faz dizer, mesmo com as pernas tremendo, que Cristo faz a vida vencer sobre a morte de verdade. Nestes dias há em mim uma enorme gratidão por tudo o que aconteceu. Paralelamente tem crescido em mim também uma dor, porque meu pai volta à noite transtornado com o hospital, sentindo uma saudade infinita da minha mãe, e os nossos jantares ocorrem sempre em silêncio. A minha impotência me deixa triste, eu me pergunto o que me é pedido nesta circunstância, o que significa realmente “oferecer” uma lavagem de roupa ou uma página estudada».

Que contribuição essa garota poderá dar a seu pai quando ele chega em casa à noite morto de cansaço e sem vontade de falar? O próprio caminho que está fazendo, a consciência de si e do que a faz viver que vem despontando nela, o seu rosto marcado pela gratidão.

Recentemente, numa carta aos amigos de Comunhão e Libertação, em relação mesmo à situação determinada pelo Coronavírus, você escreveu: «O reconhecimento de Cristo e o nosso “sim” a Ele, até no isolamento em que cada um de nós possa ser obrigado a estar, já é a contribuição para a salvação de todos os homens hoje, antes de qualquer tentativa legítima de se fazer companhia, que de toda forma deve ser procurada nos limites do permitido». Posso pedir que explique o que pretendia dizer?

Eu queria dizer que a maior contribuição que nós damos ao mundo é o nosso “sim” ao chamado do Mistério, o nosso “sim” a Cristo, a fé, e não primeiramente o que conseguimos fazer. De fato, mesmo quando fazemos – como aqueles que nestes dias estão na linha de frente –, a nossa maior contribuição ainda é esse “sim”, porque ele – quanto mais for vivido autenticamente – muda o modo mesmo de fazermos o que fazemos, torna-o ainda mais útil aos nossos irmãos. Que fique claro, não há nenhuma oposição entre a fé e a ação, pelo contrário: a fé é o que fundamenta a ação em sua plenitude e indomabilidade, é a raiz da ação que assume – por graça – a forma da caridade,

de uma afirmação incondicional do bem do outro, que vai explicitar-se conforme a diferença de cada ocasião. A contribuição mais original que podemos dar ao mundo é o nosso reconhecimento de Cristo, o nosso “sim” a Ele, quer se trate de fazer, quer se esteja na impossibilidade de fazer. Na Quaresma de 2006, Bento XVI expressou isto em termos que todos lembramos: «Mesmo neste tempo da interdependência global, pode-se verificar como nenhum projeto econômico, social ou político substitua aquele dom de si mesmo ao outro que brota da caridade. Quem age segundo esta lógica evangélica, vive a fé como amizade com o Deus encarnado e, como Ele, provê às necessidades materiais e espirituais do próximo. Olha-o como mistério incomensurável, digno de infinito cuidado e atenção. Sabe que, quem não dá Deus, dá pouco demais; como dizia frequentemente a Beata Teresa de Calcutá, a primeira pobreza dos povos é não conhecer Cristo. Por isso, é preciso levar a encontrar Deus no rosto misericordioso de Cristo: sem esta perspectiva, uma civilização não é construída sobre bases sólidas».⁴¹

A situação que muitos estão vivendo, de

⁴¹ Bento XVI, *Mensagem para a Quaresma de 2006*.

isolamento e de inação forçada, pode ser uma ocasião para nos darmos conta de que a fé vivida é a contribuição original que, como cristãos, podemos dar aos outros: porque, se em nossa tentativa de fazer companhia – buscada nos limites que hoje nos são impostos – Cristo não se manifestasse, se o nosso “sim” a Cristo não se manifestasse, daríamos ao outro “pouco demais”, não lhe daríamos o essencial. Desta forma, até no isolamento a que cada um de nós poderia estar obrigado, o nosso “sim” a Cristo já é a contribuição para a salvação de todo homem hoje, antes de qualquer tentativa legítima de se fazer companhia, pois é o coração disso.

Isso subverte a imagem que geralmente temos da nossa contribuição ao mundo, ao bem das pessoas, começando pelas mais queridas. É a razão por que muitos se sentem um pouco inúteis. Em suma, a impossibilidade de “fazer” desencoraja...

Penso sempre no fato de que Santa Teresinha do Menino Jesus, uma monja de clausura que morreu muito jovem, foi proclamada pela Igreja padroeira das missões. Como é possível? O que a Igreja diz dela? Que o seu

“sim” – escondido, inoperante segundo a mentalidade do mundo – coincidiu com o bem do mundo. Entendo que isso subverta a imagem que normalmente temos da contribuição a dar aos outros. Como é possível que uma mulher que nunca saiu do mosteiro possa ser indicada pela Igreja como a maior missionária, a padroeira das missões? Parece absurdo. E no entanto o “sim” dessa monjinha teve um significado poderoso para o mundo. Pensemos apenas em quanta gente foi mudada pela fé dela, pelo seu testemunho de vida, direta ou indiretamente. Como sempre repito, o “sim” de Nossa Senhora, dito na obscuridade enigmática de sua condição, foi a maior contribuição para a vida do mundo e de todo homem, como para nós o “sim” de Dom Giussani e de muitos outros.

Nestes dias li o livro *Van Thuan. Livre entre barras*, de Teresa Gutiérrez de Cabiedes,⁴² que conta a história de uma grande testemunha da fé, uma vida vivida na adesão coerente e heroica à própria vocação, como disse o Papa João Paulo II a respeito dele. Em 1975, François Xavier Nguyen van Thuan, pouco

⁴² T. Gutiérrez de Cabiedes, *Van Thuan. Libero tra le sbarre*. Roma: Città Nuova, 2018.

após sua nomeação como arcebispo coadjutor de Saigon (Ho Chi Minh Ville, Vietnã), foi preso por acusação de traição: «Nguyen van Thuan, [...] nós o trouxemos aqui por ser culpado de ter causado problemas ao Governo do povo soberano do Vietnã. Você é acusado de propaganda imperialista e de ser um infiltrado das potências estrangeiras». Passaria treze anos na prisão, nove dos quais em isolamento. Fiquei impressionado com como viveu aquela circunstância. Trancado num cárcere horrível, ele também se pergunta que utilidade possa ter a sua vida: «De que me adianta conservar a vida se não consigo cumprir a missão para a qual nasci?» Por isso, «prostrado por terra, voltou a implorar a Deus, pedindo-lhe que o libertasse. [...] “Deixei sozinhos os meus órfãos, os meus pobres, a minha família. [...] E agora? Que sentido tem revoltar-me aqui como um inseto?”» Tudo lhe parecia inútil, mas o Mistério tinha reservada uma surpresa para ele. Em seu diálogo interior com Deus, ouviu uma voz que lhe disse: «O que fizeste é grande. [...] Tu te queixas por não poderes trabalhar para mim. Por que não me entregas teus projetos? Amas a mim ou às obras que fazes por mim? [...] Preocupas-te com os teus pois os amas. Quanto mais desejo

ajudá-los, eu! Confia em mim. Tomarei conta de tuas obras lá fora». ⁴³

Ele viu o resultado de seu “sim” com o tempo, pois no início certamente não conseguia imaginar o que ia nascer daquela sua entrega. Só quando aceitou percorrer o caminho misterioso que fora desenhado na frente dele, é que viu com surpresa que todos aqueles que encontrava na prisão mudavam. Principalmente os guardas que o vigiavam. Tanto é verdade, que os oficiais os substituíam continuamente, pois não conseguiam evitar o “contágio”, não conseguiam evitar que as pessoas que entravam em contato com Van Thuan mudassem. «Todos querem dividir a cela com você», gritou-lhe na cara quem o mantinha na prisão, «mas não vou permitir que contágie a todos os meus prisioneiros». ⁴⁴ Às vezes esse florescimento é evidente aos nossos olhos, às vezes não, mas isso não quer dizer que aquele “sim” ao Mistério não produza efeitos no presente.

A coisa que mais me marcou foi o momento em que Van Thuan se perguntou por que o Mistério permitia que ele atra-

⁴³ Ibidem, pp. 9-10, 67-69.

⁴⁴ Ibidem, p. 187.

vessasse aquela circunstância. Era a mesma pergunta que os guardas lhe faziam, por não conseguirem explicar por que ele persistia em sua atitude quando, arrependendo-se de “ter traído” a pátria, seria libertado e poderia ter um futuro esplêndido. Quanto mais somos desafiados pelas circunstâncias, mais a pergunta do porquê vem à tona. Ao enésimo questionamento a respeito, feito por quem o queria preso, respondeu que tivera bastante tempo para refletir se era um erro persistir naquela atitude de entregar-se ao desígnio de Outro, e acrescentou que quanto mais pensava, mais se sentia feliz em ter recebido, em ter visto florescer em si uma liberdade à prova de encarceramento.

O resultado, a contribuição para o bem do mundo é a geração de um sujeito livre, com uma liberdade à prova de qualquer tipo de prisão. É algo que só será completo na eternidade, mas que pode ser vislumbrado já no presente: floresce uma liberdade inimaginável, que é um testemunho perante todos: «Como é que você faz? Eu tornei a sua vida impossível...», perguntam-lhe. E Van Thuan: «Como não gritar de alegria quando vejo que Alguém me dá este amor que destrói o ódio e o

ressentimento?»⁴⁵ A ele também parece impossível que alguém o faça florescer assim, que o torne livre assim, porque o florescimento ocorre conforme um desígnio e um tempo que não são os nossos; e se a pessoa aceita, o resultado vai além de qualquer tipo de expectativa.

Como é que nós, obrigados a ficar em casa para evitar o contágio, estamos lidando com a circunstância que vivemos? Estamos sufocando, como se não tivéssemos saída, ou será que nos estamos surpreendendo mais livres?

De tudo o que estamos vivendo, o que vai sobrar quando a emergência tiver passado?

Alguém escreveu que vamos sair mudados desta grande pandemia. Eu acrescento: vamos sair mudados, mas só se começarmos a mudar agora. Quer dizer, se nos dermos conta do que está acontecendo, se estivermos presentes no presente e aprendermos agora a julgar o que estamos vivendo, confinados nas nossas casas ou comprometidos na linha de frente combatendo o contágio.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 322

A mudança não ocorre por simples acúmulo de impactos, de eventos e de impressões das coisas que sucedem, mas por uma compreensão do sentido do que nos acontece, ou seja, como ganho de consciência. Portanto a nossa mudança não pode ser mecânica. Sairemos mudados desta situação se, por meio das provocações que a realidade nos faz, aprofundarmos agora a descoberta de quem somos e do que é que vale a pena viver, do que é que nos permite não ficar abatidos. Costumo citar uma frase de Bento XVI: «Um progresso por adição só é possível no campo material. Aqui, no conhecimento crescente das estruturas da matéria e correlativas invenções cada vez mais avançadas, verifica-se claramente uma continuidade do progresso rumo a um domínio sempre maior da natureza. Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões. Nunca aparecem simplesmente já tomadas em nossa vez por outros – neste caso, de facto, deixaríamos de ser livres. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada homem,

cada geração seja um novo início». ⁴⁶

Isto significa que, se não criarmos o hábito de julgar o que vivemos nestes dias de isolamento obrigatório ou de empenho no combate ao vírus, perderemos tudo. Paolo Giordano destaca isso: «Faz um mês que o impensável irrompeu nas nossas vidas. [...] Mas num dado momento vai acabar. [...] Ao passo que nós, distraídos, só teremos vontade de sacudir toda a poeira de cima. A grande escuridão que cai. O início do esquecimento. A não ser que ousemos refletir agora. [...] Imaginemos o depois, começando agora. Evitemos que o impensável nos pegue de surpresa mais uma vez». ⁴⁷

Trata-se de uma verificação que temos de fazer no caminho diário, desde o primeiro despertar até quando vamos dormir à noite. Giordano escreve ainda: «Decidi empregar este vazio escrevendo [...]: não quero perder aquilo que a epidemia nos está revelando sobre nós mesmos. Superado o medo, qualquer consciência volátil vai desaparecer em um instante», mas «certas reflexões que o contágio suscita agora ainda serão váli-

⁴⁶ Bento XVI, *Spe salvi*, §24.

⁴⁷ *Corriere della Sera*, 21 de março de 2020.

das». ⁴⁸ É claro, sem um trabalho sobre nós mesmos, tudo vai desaparecer e voltaremos às coisas de sempre sem termos aprendido nada desta estranha e dolorosa circunstância. Mas só nós é que podemos decidir fazer esse trabalho: é a única coisa a que nenhum decreto ou regra poderá obrigar-nos. Neste nível não há nada de mecânico. Portanto, decidamos! É um trabalho que requer atenção, no qual razão e liberdade devem estar sempre despertas, prontas a captar o instante que passa. Caso contrário, o sacrifício e a preocupação simplesmente cederão seu lugar ao esquecimento. Eugenio Borgna está bem consciente disso, enquanto conhecedor que é do espírito humano: «Facilmente, cessado o perigo, nos homens assume o esquecimento. Haverá alguns, porém, não sei quantos, que neste tempo de dor terão usado a ocasião para estarem mais atentos, para se escutarem a si mesmos e ao outro mais profundamente. Sim, alguns de nós, depois desta áspera provação, renascerão: capazes de uma nova esperança». ⁴⁹

⁴⁸ *Corriere delle Sera*, 24 de março de 2020.

⁴⁹ *Avvenire*, 25 de março de 2020.

Enquanto isso, porém, a pandemia persiste. A esta altura é evidente a todos que não se trata de um fenômeno passageiro.

Aqui entra a preciosidade do tempo, que submete a uma verificação a nossa posição perante as coisas, a nossa maneira de encarar a vida, as relações, as situações. Quando a realidade não se curva às nossas expectativas, às nossas estratégias e iniciativas, fica visível a consistência maior ou menor do nosso sujeito e da bagagem de convicções que trazemos conosco, leigas ou religiosas.

Desde o início assistimos a muitas oscilações ao considerarmos e fazermos frente à epidemia. Por que tanta dificuldade em enveredar por uma via adequada?

Não tenho os instrumentos para responder acerca disso. Limito-me ao que constato no meu campo de experiência e que vale para mim. Há uma afirmação de Chesterton que acho desarmante: «O problema com os nossos sábios não é o fato de eles não serem capazes de enxergar a resposta; provém do fato de eles não verem sequer o

problema».⁵⁰ A condição para enxergarmos a resposta é ver o problema. E isto implica uma determinada postura ante a realidade, um deixarmo-nos interpelar por ela, um seguirmos suas sugestões, prontos para rever ideias e projetos e para aprender com todos aqueles que possam dar-nos um auxílio. Enfim, é um problema de olhar para o real, que concerne a cada um de nós. E também de liberdade perante os próprios erros e perante o fantasma da vantagem pessoal (dos efeitos que queremos obter sobre os outros). Assim podemos recuperar-nos mais rapidamente dos obstáculos, dos fracassos, da confusão, tendo como único leme o foco no bem de todos, e nada mais.

Se me permite: o que mais o tem sustentado nestes dias?

Muitas vezes vi a conveniência de não me subtrair aos desafios que a vida não me poupava. Por isso também encarei este desafio, todo curioso para descobrir o que é que podia brotar de uma provocação que

⁵⁰ G. K. Chesterton, *Ortodoxia*. São Paulo: LTr, 2001, p. 51.

se revelava cada dia mais em suas proporções reais. Não consegui estar diante de tudo quanto ocorria sem ficar sacudido pelo maravilhamento da Presença que domina a minha vida. E, diante da vulnerabilidade que se fazia cada vez mais evidente em todas as suas várias facetas, crescia em mim cada vez mais a pergunta: «Que é o homem, para dele assim vos lembrades e o tratardes com tanto carinho?»⁵¹

É essa Presença, esse Tu, o que plasma o olhar sobre o desafio que, junto com todo o mundo, preciso enfrentar, permitindo-me viver como homem a vertigem que ele provoca, sem fugir ao drama, à dor, à morte que vejo acontecer ao meu redor e, assim, reverberar em mim. Tenho tentado viver tudo isto como ocasião de verificação da fé. Deixando-me investir pelas perguntas que a situação traz à tona, surpreendendo em mim – admirado – uma luz para encará-las, percebo toda a razoabilidade da abordagem que me é sugerida pela fé.

Jesus toma conta de tudo da minha humanidade e da dos outros. Estou entendendo ainda mais de onde vinha a certeza inabalável de São Paulo, alcançada jus-

⁵¹ Sl 8,5.

tamente porque nada lhe fora poupado: «Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada? [...] Em tudo isso, porém, somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou. Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor».⁵²

Pessoas que vivem dessa certeza são uma esperança para todos – bem como o são primeiramente para mim nestes dias –, também para aqueles que se sentem frágeis ante o desafio do vírus e estão longe da fé de São Paulo. Pessoas assim podem acender o desejo de ter essa fé, pedindo-a em cada pequeno ou grande gesto, heroico, do dia.

Quem não desejaria para si essa certeza? Muito mais enquanto ainda não sabemos como é que vamos sair não só do aspecto sanitário do desafio, mas de todas as outras consequências que previsivelmente

⁵² Rm 8,35-39.

nos esperam. Só com tal certeza é que realmente poderemos não ficar surdos ao apelo da circunstância e não perder a ocasião de nos tornarmos mais nós mesmos, e então mais úteis para os demais.

